

5

Arquivos

Nos últimos capítulos, apresentei o gênero fanfiction, discuti como esse gênero desestabiliza alguns mecanismos de controle da patronagem de Lefevere (1982, 1992) ou o funcionamento tradicional de sistemas literários, e tentei caracterizá-lo a partir de Derrida e sua teoria do arquivo elaborada em *Mal de Arquivo* (1995). Neste capítulo, para ilustrar e corroborar as discussões expostas nos capítulos anteriores, apresentarei e analisarei algumas fanfictions.

5.1

Crítérios da análise

Assim como Henry Jenkins e outros teóricos do campo dos Estudos sobre Fãs e Estudos sobre a Fanfiction, sou uma *aca-fan*, isto é, uma acadêmica que se identifica como fã, que circula por comunidades e consome os textos produzidos nesses espaços. Logo, as narrativas analisadas neste capítulo foram escolhidas a partir de dois critérios: (a) minha intimidade e familiaridade com os textos-fonte — como fã, escolhi universos ficcionais que me são significativos de alguma maneira e, (b) a popularidade das narrativas em meio à comunidade e nos espaços online — escolhi narrativas que fazem sucesso entre os fãs-leitores, as mais comentadas, “favoritadas”, lidas.

Seguindo esses critérios, selecionei, portanto, textos-fonte de três universos diferentes — a saga *Harry Potter* (romances em prosa), *Friends* (um seriado de televisão americano) e *Assassin's Creed* (um jogo de videogame) — e analisarei algumas produções dos arquivos desses textos. Divido este capítulo em quatro seções: a primeira, que é esta, e em que discorro sobre sua organização e sobre alguns pormenores das análises, e outras três seções subsequentes. Para cada seção que apresentarei a partir desta, discutirei e exemplificarei alguns aspectos dessas narrativas, tais quais: (a) a forma como perturbam alguns mecanismos de controle da patronagem ou desestabilizam identidades de outras reescritas, a saber, o pastiche (seção 5.2 — *Harry Potter*); (b) a tensão entre forças conservadoras e instituidoras observadas em *Mal de Arquivo* (seção 5.3 — *Friends*); e (c) a maneira como algumas dessas narrativas formam também parte de um arquivo-protesto, um arquivo-resistência (seção 5.4 — *Assassin's Creed*). Acho importante deixar aqui registrado que, embora em cada seção

eu escolha destacar e discutir *esta* ou *aquela* característica ao longo da análise, em todos os capítulos de fanfiction apresentados e analisados, as características observadas em (a), (b) e (c), em maior ou menor grau, convivem nesses textos.

Em cada seção a seguir, contextualizarei os textos-fonte de forma breve, apresentando um resumo conciso de suas histórias para que as narrativas de fãs apresentadas e analisadas façam sentido. Terei também o cuidado de não apresentar os textos completos das fanfictions postados pelos seus autores, mas sim os trechos mais proveitosos para aquilo que pretendo mostrar — embora sempre indique as fontes e os links para as histórias completas — assim este capítulo não ficará com um tamanho exagerado¹²¹.

A análise apresentada aqui é de caráter qualitativo, ainda assim, embora eu não faça uso de nenhuma representação estatística, não deixa de ser um exemplo do que acontece com o gênero fanfiction de forma geral, e reforça de maneira contundente minhas discussões ao longo desta tese.

5.2

A saga Harry Potter: Reescrita/patronagem/pastiche

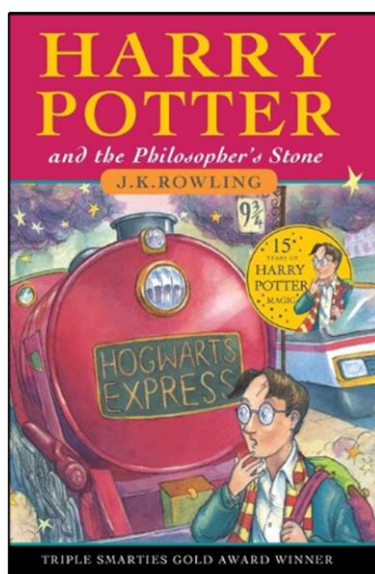


Figura 27 — *Harry Potter and the Philosopher's Stone*/Capa

A saga inglesa Harry Potter teve seu primeiro exemplar publicado em 1992 e conta no total com sete volumes. Harry, personagem principal do sucesso de J. K.

¹²¹ Os textos completos se encontram nos Anexos.

Rowling é um garoto comum, adotado pelos tios quando ainda um bebê em consequência de um suposto acidente de carro que matou seus pais — do acidente e dos pais, Harry guarda apenas uma cicatriz no meio da testa em formato de raio.

Ao completar exatos 11 anos, Harry recebe uma carta suspeita: é convocado para estudar em Hogwarts, uma escola para crianças com habilidades mágicas. O pré-adolescente descobre então que sua vida pacata e insossa com os tios era uma espécie de imitação malfeita de um mundo do qual ele genuinamente fazia parte e que os tios tentavam a todo custo esconder — um mundo de bruxos e bruxas assim como Harry, vassouras e carros que voam, capas de invisibilidade, varinhas mágicas, pedras que ressuscitam pessoas, espelhos que mostram aquilo que alguém mais deseja, inimigos mortais, e especialmente, amigos.

As sete obras narram a vida de Harry em Hogwarts, a convivência com seus amigos Rony e Hermione, as batalhas com Lord Voldemort, o relacionamento com os professores Dumbledore e Snape, o primeiro envolvimento amoroso, seu desempenho formidável nas partidas de quadribol, e as descobertas sobre seu passado e a vida de seus pais. Os fãs da obra têm a oportunidade de acompanhar o crescimento e desenvolvimento do adolescente, e encontrar, no último livro de J. K. Rowling, um Harry amadurecido, extremamente diferente do personagem de 11 anos que conheceram no primeiro capítulo da saga.

<u>TEXTO-FONTE</u>	<u>FANFICTION</u>
Chapter One: The Boy Who Lived Por J. K. Rowling Mr and Mrs Dursley, of number four, Privet Drive, were proud to say that they were perfectly normal, thank you very much. They were the last people you'd expect to be involved in anything strange or mysterious, because they just didn't hold with such nonsense. Mr Dursley was the director of a firm called Grunnings, which made drills. He was a big, beefy man with hardly any neck, although he did have a very large moustache. Mrs Dursley was thin	Chapter One: The Girl Who Lived Por xx_painttheskyblack_xx Mr and Mrs Dursley of Number Four, Privet Drive, Little Whinging, Surrey, were proud to say they were perfectly normal, thank you very much. They had a nice three bedroom house in the middle of a quiet suburb, their neat garden was always well kept, the flowers constantly blooming and everyone admired the shiny, new car sitting in their driveway, curtesy of Mr Dursley's promotion. Mr Vernon Dursley was the direction

and blonde and had nearly twice the usual amount of neck, which came in very useful as she spent so much of her time craning over garden fences, spying on the neighbours. The Dursleys had a small son called Dudley and in their opinion there was no finer boy anywhere.

The Dursleys had everything they wanted, but they also had a secret, and their greatest fear was that somebody would discover it. They didn't think they could bear it if anyone found out about the Potters. Mrs Potter was Mrs Dursley's sister, but they hadn't met for several years; in fact, Mrs Dursley pretended she didn't have a sister, because her sister and her good-for-nothing husband were as unDursleyish as it was possible to be. The Dursleys shuddered to think what the neighbours would say if the Potters arrived in the street. The Dursleys knew that the Potters had a small son too, but they had never even seen him. This boy was another good reason for keeping the Potters away; they didn't want Dudley mixing with a child like that.

(...)

Dumbledore turned and walked back down the street. On the corner he stopped and took out the silver Put-Outer. He clicked it once and twelve balls of light sped back to their street lamps so that Privet Drive glowed suddenly orange and he could make out a tabby cat slinking around the corner at the other end of the street. He could just see the bundle of blankets on the step of number four.

'Good luck, Harry,' he murmured. He turned on his heel and with a swish of his cloak he was gone.

A breeze ruffled the neat hedges of Privet Drive, which lay silent and tidy under the inky sky, the very last place you would expect astonishing things to happen. Harry Potter rolled over inside

of a company called Grunnings, which made drills. He was a large man (one may even call him obese) with a thick beefy neck and a round, ruddy red face, and thanks to the impressive, wiry moustache decorating his top lip, Vernon Dursley closely resembled an old, fat walrus. Mrs Petunia Dursley was the complete opposite of her 'big boned' husband. She was tall and whip-cord thin, almost as spindly as a house spider in appearance, with wispy blonde hair that she constantly wore in a complex array of pinned back curls. Through some kind of science experiment no doubt, the couple had managed to produce a child. The child in question was a plump, piggish little boy by the name of Master Dudley Dursley. He had a round, ruddy face reminiscent of his father, greedy, dark eyes and a thatch of blond hair inherited from his mother, a thatch of hair that was almost always damp with sweat from the sheer amount of physical energy he had to exert, lugging his body around.

The Dursleys may have had everything they wanted, and they may have liked to pretend that they were perfect, they also had a secret. A terrible, deep, dark secret that hung over their perfect little house and their perfect little lives like a dark cloud, festering and growing with each passing year since the 1st November 1981. This secret was a small girl, now of almost eleven years of age, named Harriet Potter, Harry for short.

Harry was the daughter of Petunia's late sister; Harry did not know her mother's name, nor did she know the name of her father. All Harry had ever been told that her parents had died in a car accident because her father was driving drunk when Harry was only a year old. The accident left her with nothing but a memory of a woman

his blankets without waking up. One small hand closed on the letter beside him and he slept on, not knowing he was special, not knowing he was famous, not knowing he would be woken in a few hours' time by Mrs Dursley's scream as she opened the front door to put out the milk bottles, nor that he would spend the next few weeks being prodded and pinched by his cousin Dudley ... He couldn't know that at this very moment, people meeting in secret all over the country were holding up their glasses and saying in hushed voices: 'To Harry Potter – the boy who lived!'	screaming, a flash of green light, and a large scar staring in the centre of her forehead and traveling down the left side of her face in the shape of a lightning strike. Harry was a quiet child, far removed from the loud, demanding Dudley she had grown up with. She was a petite little thing, barely four and a half foot, and her body was compromised of sharp lines and harsh edges. Her eyes seemed too large for her heart shaped face and were a queer shade of piercing, emerald green, cat-like in intensity and framed by thick, sooty lashes. Her hair was long and thick to the point that the copper coloured curls were impossible to tame. Aunt Petunia had tried to cut it one day, tired of seeing the tangled, messy ponytail that Harry swept her tresses into. The haircut had been choppy and unprofessional; it was horrible and still looked tangled. The morning came and to Petunia's horror and Harry's glee, the vibrant red curls had regrown. Harry had spent the next three days inside her cupboard. Ten years ago, Harry had appeared on her aunt and uncle's doorstep. Barely a year old and wrapped only in blankets, Harry had been discovered as Petunia put the milk bottles out, scaring the woman half-to-death. Ten years ago, an entire community raised a glass and toasted to "The Girl Who Lived".
---	--

Segundo Richard Dyer, autor de *Pastiche* (2007), estudos sobre o gênero pastiche indicam que esse exemplo de reescrita apresenta, em geral, três tipos de estratégia, ou, no termo adotado pelo autor, três tipos de *procedimentos* que o caracterizam e o diferenciam de outros gêneros, a saber: *semelhança (likeness)*, *distorção (deformation)* e *discrepância (discrepancy)*.

Por *semelhança*, Dyer (p. 54) explica que toda reescrita classificada ou identificada como pastiche é muito *semelhante* ao seu texto-fonte, sendo, na maioria dos

casos, muito difícil distingui-los — algo de certa forma similar ao que demonstrei no capítulo 3 ao comparar *Amor de Capitu*, de Fernando Sabino, com o texto de Machado de Assis. O texto pastichado funciona como uma espécie de colagem. Dyer ressalta que

no que diz respeito à semelhança, a forma de um pastiche está sujeita à percepção. Um pastiche imita a ideia daquilo que ele imita (...). O texto pastichado não muda: deixando de lado os caprichos dos manuscritos e das edições, as palavras são o que são, mas as percepções de seus significados e efeitos mudam. Diferentes períodos e culturas veem e ouvem coisas diferentes em textos e isso deve ser registrado em qualquer imitação, e, portanto, qualquer pastiche de tais textos. (DYER, 2007, p. 55)¹²²

Outra característica trazida pelo autor sobre a estratégia da semelhança é que pastiches normalmente sinalizam que assim o são: fazem algum tipo de referência direta ao texto-fonte, se autodeclaram pastiches. Segundo Dyer, muitas vezes é comum que essa sinalização venha logo no título, outra vezes essa referência é intratextual ou extratextual (p. 55-56).

Quanto à *distorção*, o autor afirma que todo pastiche “deforma o estilo de seu referente: *seleciona, acentua, exagera, concentra*” (p. 56, grifo meu). Dyer esclarece que o pastiche não reproduz cada detalhe do texto-fonte, mas sim *seleciona* algumas características ou peculiaridades, e tal escolha *deforma* o original, especialmente a partir de percepções históricas e culturais.

O gênero pastiche também *concentra*: Dyer explica que é raro que uma reescrita do gênero seja tão longa quanto o texto dito original, já que estão ali condensados, exagerados, acentuados e selecionados tudo aquilo do texto-fonte que o autor escolheu (ou não escolheu) mostrar.

Por fim, Dyer explica a estratégia de *discrepância*. Para o autor, o “pastiche também pode ser alcançado por discrepância, por algo inconsistente ou inadequado em um aspecto da escrita que faz com que se veja mais claramente o estilo do resto da escrita, ou seja, o estilo que está sendo pastichado”¹²³ (p. 58).

Dyer reforça que essa discrepância pode ser atingida com interrupções, piadas, comentários engraçados, um descolamento do senso estilístico do texto exatamente para

¹²² “the form of a pastiche's likeness is subject to perception. A pastiche imitates its idea of that which it imitates (...). The pastiched text does not itself change: leaving aside vagaries of manuscripts and editions the words are what they are, but the perceptions of their significance and effect changes. Different periods and cultures see and hear different things in texts and this must be registered in any imitation, and therefore pastiche, of them.”

¹²³ “pastiche may also be achieved by discrepancy, by something inconsistent or inappropriate in an aspect of the writing that makes one see more clearly the style of the rest of the writing, which is to say, the style that is being pastiched”

evidenciá-lo, ou ainda fazer um uso estilístico que não estava disponível na época (lugar, cultura) em que o texto-fonte foi produzido.

O autor termina dizendo que todo pastiche só funciona como tal se o leitor conhece a obra que o pastiche imita, e que esse gênero torna mais acessível a experiência com o texto-fonte.

Ao observarmos os dois textos que contraponho aqui — o primeiro capítulo do primeiro livro da saga Harry Potter, “The Boy Who Lived”, escrito por J. K. Rowling, e o primeiro capítulo da fanfiction “The Girl Who Lived A Lie”¹²⁴, escrito por xx_painttheskyblack_xx —, observamos diversos elementos destacados por Dyer em sua obra *Pastiche*, que, de alguma maneira, colocam em questão por que a fanfiction que ora apresento não poderia ser considerada também um pastiche — percebemos que há diversas convergências entre os dois gêneros. Os questionamentos que levanto no capítulo 3 persistem: por que surgiram dois termos diferentes para nomear dois tipos de textos tão semelhantes? Por que não chamamos de “pastiche” os textos produzidos por fãs? Escritores de pastiche não são, de alguma maneira, também fãs e admiradores dos textos-fontes que inspiram suas produções?

“The Girl Who Lived”, embora não seja idêntico ao texto-fonte — somos capazes de perceber as evidentes diferenças — imita a ideia de “The Boy Who Lived”, promovendo a edição e adição de palavras e trechos e ideias, de acordo com as intenções e percepções da autora.

“The Girl Who lived”, como ressaltou Dyer, sinaliza sua relação com o texto-fonte já no título, autodeclarando seu caráter imitativo. Essa sinalização ocorre também em outros momentos do texto, como em seu último parágrafo, quando a autora decide terminar a fanfiction da mesma maneira que J. K. Rowling terminou o capítulo dito original, fazendo alusão ao título do capítulo nas últimas linhas — “Ten years ago, an entire community raised a glass and toasted to ‘The Girl Who Lived’.” É importante ressaltar que, apesar dessas sinalizações observadas, toda fanfiction faz uma sinalização extratexto, uma vez que a própria maneira como esses arquivos se organizam em seus espaços *online* exige que tal sinalização direta ao texto-fonte seja feita, com *tags* informativas ou nas próprias notas do escritor (ver Figura 28 parágrafos adiante), que relacionam a fanfiction ao texto que a inspirou.

¹²⁴ Capítulo completo publicado em <http://archiveofourown.org/works/13559862/chapters/31116570>, acessado em janeiro de 2018.

“The Girl Who Lived” também apresenta distorções: como Dyer observou, o pastiche condensa, é geralmente menor do que o texto original — “The Girl Who Lived” possui cerca de 600 palavras e reúne eventos de outros capítulos da saga (o corte de cabelo de Harry, por exemplo que no texto original só é mencionado no capítulo 2) enquanto “The Boy Who Lived” tem aproximadamente 4800 palavras — xx_painttheskyblack_xx não parece estar interessada em nos contar como Harriet chegou até a casa dos Dursleys, seus tios, (todos nós, fãs de Harry Potter, conhecemos essa parte da história), mas sim em mostrar como a narrativa se *distorce* a partir do momento em que a história é contada do ponto de vista de uma menina, ou seja, a partir do momento em que Harry se transforma em Harriet. A fã-escritora descreve seu porte físico — “She was a petite little thing, barely four and a half foot, and her body was compromised of sharp lines and harsh edges”; seu cabelo — “Her hair was long and thick to the point that the copper coloured curls were impossible to tame”; e a maneira como costumava usá-lo — “messy ponytail that Harry swept her tresses into”. São esses detalhes que a autora seleciona e acentua em sua narrativa, editando e deixando assim de lado diversos elementos do primeiro capítulo presentes no texto de J. K. Rowling que explicam, por exemplo, como Harry chegou até a casa dos tios.

No que diz respeito à estratégia de discrepância, a autora xx_painttheskyblack_xx não se distancia muito do estilo de J. K. Rowling nem faz uso de comentários engraçados ou piadas, salvo uma rara exceção — “Through some kind of science experiment no doubt, the couple had managed to produce a child.”

No entanto, uma discrepância óbvia, que surge já no título, e na própria justificativa da autora para escrever a fanfiction, tem menos a ver com o estilo de escrita e mais a ver com questões ideológicas, uma espécie de *crítica literária* que também foi mencionada por Dyer (p. 59) como uma característica marcante do gênero.

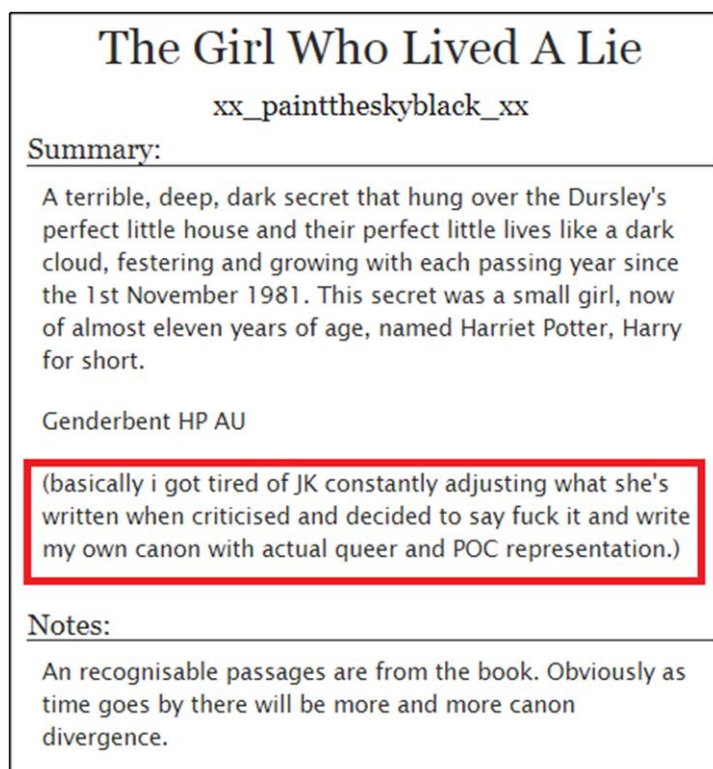


Figura 28 — *The Girl Who Lived a Lie/Notes*¹²⁵

A autora explica que se cansou do fato de que J. K. Rowling constantemente acomoda sua narrativa para agradar determinados grupos a partir das críticas que recebe, e por isso resolveu escrever seu próprio texto com personagens *queer* e negros. *Harry Potter and The Philosopher's Stone*, publicado pela primeira vez em 1997, fez um estrondoso sucesso e até hoje, 21 anos depois, conquista novos fãs e leitores ao redor do mundo. Teria “Harriet Potter and The Philosopher's Stone” feito o mesmo sucesso, ou sequer tido espaço para ser publicado? Qual teria sido o impacto se uma geração de meninos e meninas tivesse crescido acompanhando a heroína Harriet vencendo a briga contra o Lord das Trevas e se projetado nela?

A discrepância não está na piada, em comentários engraçados ou interrupções — a discrepância e a crítica, que no pastiche também muitas vezes surgem por meio da piada, estão no choque, no desconforto e nos questionamentos que Harriet causa: como alguém se atreve a matar Harry, um personagem já tão entranhado em nossa cultura

¹²⁵ POC, em inglês, *Person of Color*. A expressão é normalmente usada nos Estados Unidos para descrever qualquer pessoa que não seja considerada branca.

(livros, filmes, videogames, brinquedos, camisetas, parques temáticos, balas e chocolates, etc.), e substituí-lo por uma personagem feminina? Por que não temos mais personagens femininas de estrondoso sucesso como Harry?

Esta fanfiction desestabiliza os mecanismos de controle da patronagem que apresentei e discuti de forma mais aprofundada no Capítulo 3 desta tese: ela subverte um componente ideológico — é um arquivo-protesto, uma crítica à autora, à ideologia dominante, à sociedade — e desestabiliza um componente econômico: não há financiamento envolvido, essa narrativa foi escrita sem qualquer incentivo financeiro, não é preciso pagar para lê-la ou sequer comprá-la, ela está disponível *online*. E, finalmente, quanto ao status, não foi produzida para satisfazer às expectativas de mecenas (editoras) ou outros grupos da sociedade (como a autora-fã parece criticar J. K. Rowling) por fazê-lo.

Finalmente, esse texto também perturba de alguma maneira a identidade do gênero pastiche. Observamos aqui, de maneira mais aprofundada do que no capítulo 3, que há diversas semelhanças entre os dois gêneros — fanfiction e pastiche — e que seus funcionamentos são muito parecidos. Reitero, portanto, o que já havia comentando naquele capítulo: a fanfiction é frequentemente vista como uma atividade amadora (enquanto o pastiche não o é), acrítica, inferior, e a diferença entre os dois gêneros está, especialmente, não no texto, mas no fato de que a fanfiction é produzida por fãs que se declaram e se afirmam como tal, e circula dentro de suas comunidades.

5.3

Friends: forças conservadoras e instituidoras

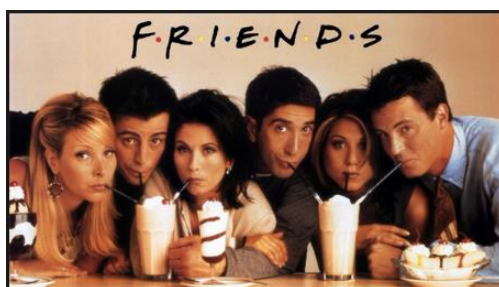


Figura 29 — *Friends*/Elenco

A série *Friends* pode ser considerada um dos maiores sucessos da televisão americana até hoje: foram 10 temporadas exibidas (um marco incrível para um *sitcom*),

236 episódios, muitas cenas icônicas que se tornaram referência e marcaram uma geração.

Os episódios giram em torno de um grupo de amigos que mora em Nova York: Phoebe, Joey, Monica, Ross, Rachel e Chandler (apresentados, respectivamente, na Figura 29). Todos beiram os trinta anos e precisam lidar com questões que todo jovem adulto lida nesse período da vida: relacionamentos, desafios profissionais, família. Vinte e quatro anos depois da sua estreia — o primeiro episódio foi ao ar em 1994 — a série é vez ou outra criticada por fãs por ser racista, machista e homofóbica; tais críticas não eram apontadas no período em que a série esteve no ar, mas surgem agora na medida em que a sociedade e a visão dos fãs vêm se transformando.

Na época, considerada uma série transformadora por apresentar uma personagem lésbica e mostrar seu casamento com outra mulher (ainda que essa personagem não fosse um dos personagens principais), os fãs hoje identificam problemas com situações homofóbicas quando hoje percebem que o personagem Chandler (casado com Monica) era motivo de chacota por todos pensarem que era gay, ou ainda pelo fato de ter uma mãe transexual. *Friends* tem também momentos extremamente machistas ao mostrar a maneira como o personagem Joey lidava com sua própria masculinidade e tratava as mulheres, ou ainda pela maneira como a série resolveu mostrar a obesidade de Mônica na adolescência: sob uma perspectiva gordofóbica. Finalmente, a série é acusada de ser racista e falhar na representatividade uma vez que todos os seis amigos são brancos, e o mesmo se estende, no geral, para personagens secundários. Em *Friends*, Nova York é habitada por pessoas exclusivamente brancas.

Nesta seção, apresento duas fanfictions sobre a série *Friends* disponíveis no site *Archive of Our Own* e aprofundo a discussão sobre como essas narrativas instanciam a tensão entre forças conservadoras e instituidoras comuns a esse tipo de texto. Vamos às narrativas.

The One Where Monica Turns Forty¹²⁶ Por ifwednesdaywasflowerchild "We should get married." "Chandler," the wooden spoon drops on the spoon rest, stained dark with soy sauce - her first venture into Chinese food is going well. She holds up her left hand, letting her engagement ring catch the light. "We're already married." "I know, but," Chandler motions to the large spread of food before them. "You're turning forty, babe. That's why in two hours, we're going to have a house full of people, we only just tolerate." "So?" "Remember when Carol was in labor with Ben?" Chandler inquires, shoving his hands in his pockets. "You were upset because you wanted a baby, and I said that if we're not married to other people by forty, we should marry each other and have a baby?" "Yeah?" Monica's face contorts in confusion.	The One Where Joey Teaches Chandler How to Hug¹²⁷ Por Alex_is_On_Fire "Hey, Joe?" Chandler broke the silence in the apartment. Joe hummed in response, not taking his eyes off the food he was eating. Nor did he stop eating, to be frank. Chandler paused, not quite sure how he was going to continue the conversation. He'd had it all planned out in his head, but that had all gone within the few seconds it took him to actually start talking. "Are my hugs awkward?" Joey froze, his fork full of food stopping half way towards his mouth. He dropped the fork, the metal clattering with the plate. The dark brunette scratched his head as he tried to come up with a reasonable answer. "Is this one of those times where I'm supposed to tell you that your hugs are awesome and comfortable or am I supposed to tell you the truth? Because I really don't know..." He trailed off, pushing his plate away from him as if he'd suddenly lost his appetite. He hadn't, of course. He was Joey. But even Joey realised from the look on Chandler's face that this probably wasn't a great time to be eating. "The truth would be great, thanks." Chandler smiled sarcastically, crossing his arm over his chest as he stood up. Joey just looked more awkward, rubbing the back of his neck and playing with the hem of his sweater.
---	--

¹²⁶ Disponível em <https://archiveofourown.org/works/4760888>, acessado em fevereiro de 2018.

¹²⁷ Disponível em <https://archiveofourown.org/works/8468806>, acessado em fevereiro de 2018.

"So," Chandler grins, because the velvet box in his pocket means his wife has no idea what's about to come her way. "We're both forty. Let's get married." "Chandler, what are you talking about? Do you need to see a doctor?" Monica can't help but giggle at her husband. They've been married for almost ten years, already, and have two beautiful children. Whom she can hear giggling in the living room. "No." Chandler's smile softens, all tenderness and affection, as he pulls his hand from his pocket. He holds up the velvet box as he drops down on one knee. "But, I still remember our deal. And, I still remember how I felt back then. That I'd be the luckiest forty year old in New York to marry you." "Chandler..." she still doesn't understand where this is going, but he's staring at her like she's some sort of Goddess, and the tears are already stinging her eyes. "What...?" "Monica Bing, I love you." the box opens, revealing a wedding band - a different one. "I know you already have one, and I know we're already married but this," he spares a glance down at the ring, hoping to find the words. "This is just me telling you that I am, without a doubt, the luckiest man on the planet to be where I am, right now. And, I'm even luckier to have it all with you. So, will you	"I'm sorry, man. Your hugs are awkward. Doesn't mean they're bad or anything, though!" Joey exclaimed as he jumped to his feet. "I still like 'em. I mean, they're Chandler hugs. No one gives hugs like Chandler hugs; they're special." Chandler thought over what Joey had said for a moment. He got it, he really did. And what his roommate had said was really sweet. But Janice had still told him that his hugs were awkward. If he knew how to hug properly, surely that would be better? "Joe, that's really nice and everything, but can I ask you a favour?" Joey frowned, tilting his head. "Sure. What d'ya need?" "Can you... Can you teach me how to hug?" Joey burst out laughing, clutching his stomach and doubling over, one hand on the counter to steady himself, trying his hardest not to fall over. Chandler glared at him, despite Joey not being able to see that because his eyes were clenched shut. "Not helping, Joey." "I'm sorry, man. But no one has ever asked me a favour like that before." Joey wiped a stray tear from his eye, standing up straight and taking deep breaths as his cheeks returned to their normal colour from the bright red they had just been. "I got that. But, please? I want Janice, or any girl really, to feel comfortable when I hug them. You know how Rachel was talking about feeling safe in Ross' arms? I want that!" Joey grinned. "Awe, Chandler's going all soppy." Chandler glared at him again, so Joey put
---	--

continue to be my wife?" "Always!" It's a bit of a clumsy juggle, getting one ring off, and the new one on but they, somehow, manage, even with both of them near tears. When it's all said and done, the box is dropped to the ground, and Chandler is standing up and picking his wife up in his arms. "Happy Birthday, Mon."	his hands up in surrender. "Don't worry, I'll help you." "Great, but don't forget you're gonna have to be the girl here, 'kay?" Joey pouted at Chandler's reminder. "You're shorter than me anyway, so it shouldn't be too difficult." "Not that much shorter." Joey grumbled, but stepped forwards towards Chandler. Chandler matched his steps until they were only about a foot apart. "Okay, where do you usually put your arms?" Chandler took a final step forward, putting his arms under Joey's armpits and around his back, not even letting his hands cross over or meet. His chin stayed a few inches above Joey's shoulder, hovering in mid-air. Joey rolled his eyes against Chandler's shoulder. "No wonder girls think you're an awkward hugger." He sighed, stepping back from the... he didn't really know what to call it, because it definitely wasn't an embrace. "Well then, teach me!" Chandler whined. Joey smirked. "Your arms go in different places depending on where the girl puts her arms. For example, sometimes if a girl is slightly shorted, she'll put her arms around your waist or stomach and put her head on your chest, like this." Joey stepped forward again, bending his knees so that he could perform what he'd just described. "Put your arms around my shoulders, but with one slightly further down than the other so it's sorta on my upper back." Chandler did what Joey told him to do, pulling Joey closer to his chest. "See, more comfortable?" Chandler nodded in agreement, surprised how easy
---	---

it actually was. “You don’t have to do it now, but don’t be afraid to put your cheek against the person’s head or your nose in their hair or whatever. Or if they’re tall enough, your chin on their shoulder.”

Chandler shrugged, figuring if he was gonna do this, then he should do it properly. He turned his head to rest his cheek against Joey’s head. Joey glanced up and turned his head the other direction, so that he was facing more towards Chandler.

“Sometimes the girl will put their head this way. If the situation fits it, it’s a perfect time to kiss their forehead.” Joey tried to take a step back, but Chandler pulled him back towards his chest, dropping a kiss onto Joey’s forehead before letting go of him. Joey smiled and chuckled lightly, trying to hide his blush behind an eye-roll as he ran a hand through his hair. He was more surprised at Chandler not making a sarcastic remark than the forehead kiss.

“Now, the other way a girl will hug you, face to face anyway, if with her arms around your neck, like this.” Joey stepped forward once more, wrapping his arms around Chandler’s neck. “Take a guess where your arms are gonna go this time?”

He raised an eyebrow, waiting for Chandler’s response. Chandler didn’t respond verbally, instead folding his arms around Joey’s waist and pulling him in, forcing Joey to tuck his head into Chandler’s neck. Joey didn’t bother explaining the rest of that hug, settling into Chandler’s hold and sighing into his neck.

Chandler smiled, placing a kiss on Joey’s temple before nuzzling his nose into the dark hair.

	“I can show you some in-bed cuddling too, if you want?” Joey murmured against Chandler’s skin as they swayed slightly from side to side. Chandler grinned infectiously, letting go of Joey so that he could see him nod, outstretching his hand for his roommate to take. Their fingers laced together, the pair shuffled towards Chandler’s bedroom.
--	--

Seguindo o estilo de diversos episódios da série *Friends*, as duas fanfictions aqui contrastadas têm o formato de esquete e apresentam algumas estratégias do gênero pastiche descritas por Dyer. Podemos observar em um primeiro momento a *semelhança*, com referência intratexto — o próprio título de cada uma delas é uma referência a todos os títulos dos episódios do seriado, que começam necessariamente com “The one where (...)”, algo como “Aquele (episódio) em que (...)”. Além disso, há também a *distorção*, especialmente na narrativa produzida por Alex_is_On_Fire, que exagera ou acentua o subtexto existente no que diz respeito à amizade entre Chandler e Joey e sugere que há no relacionamento deles alguma coisa para além da amizade, e a *discrepância*, quando Joey e Chandler vão pro quarto juntos e a fanfiction insinua uma possível interação sexual/amorosa — “Their fingers laced together, the pair shuffled towards Chandler’s bedroom.” —, algo que se distancia do cânone e jamais aconteceria na série.

Derrida comenta como o arquivo é “ao mesmo tempo *instituidor* e *conservador*. Revolucionário e tradicional.” (DERRIDA, [1995] 2001, p. 17) Operam sobre o arquivo, portanto, forças de conservação (conservar aspectos do texto-fonte) e de subversão (instituir o novo).

É a partir da tensão dessas forças que surge a fanfiction, pois o fã-arconte precisa trabalhar entre conservar aspectos do texto-fonte e, ao mesmo tempo, transcendê-lo, subvertê-lo, instituir algo novo. Não é possível haver escrita arcôntica sem referências ao texto anterior — *tradicional*. Não é possível haver escrita arcôntica sem mudança, novidade, transformação — *revolução*.

A fanfiction *The One Where Monica Turns Forty* é mais próxima ao texto canônico no que diz respeito ao enredo: assim como na série, Chandler e Monica são um casal estabelecido e a narrativa mostra uma espécie de projeção do futuro, uma vez que estamos vendo um momento da vida dos personagens (os 40 anos de Monica) que nunca chegou a acontecer na série — *Friends* foi descontinuada antes deles chegarem

aos 40 anos. A fanfiction também faz um “jogo” intertextual (outra estratégia de *semelhança*) ao dialogar com uma cena da primeira temporada da série, em que Chandler e Monica, quando eram apenas bons amigos e não um casal, combinam de se casar aos 40 anos caso ainda estejam sozinhos até lá:

Chandler: All right, I'll tell you what. When we're 40, if neither one of us are married, what do you say you and I get together and have one (kid)?

Monica: Why won't I be married when I'm 40?

Chandler: Oh, no, no, no. I just meant hypothetically.

Monica: Okay. Hypothetically, why won't I be married when I'm 40?

Chandler: No, no, no.

Monica: No, no, seriously, what is it? Is there something fundamentally unmarriable about me?

Chandler: Uh... uh...

Monica: Well?

Chandler: Dear God! This parachute is a knapsack! (FRIENDS, Temporada 1, Episódio 23)

Apesar de seguir à risca o enredo do texto-fonte, *The One Where Monica Turns Forty* foge ao estilo da série, que é marcada por ser uma *situation comedy*, com um ritmo ágil, piadas rápidas e nada sutis que algumas vezes extrapolam e ridicularizam situações comuns. *The One Where Monica Turns Forty* carece do tom jocoso comum à série, e em vez disso tem um apelo romântico.

The One Where Joey Teaches Chandler How to Hug, por outro lado, adota o caminho oposto: se distancia do texto-fonte no que diz respeito ao enredo, mas, ao mesmo tempo, mantém um estilo de narrativa mais próximo àquele adotado pelos redatores da série, uma vez que a fanfiction também é extremamente debochada ao extrapolar uma situação inusitada (dois amigos adultos heterossexuais que estão treinando como dar abraços em mulheres) e faz piada com um frequente subtexto na série (a amizade de Joey e Chandler e o fato de que vez ou outra os amigos se encontram em situações que colocam em questão suas sexualidades). As *tags* de relacionamento escolhidas por Alex_is_On_Fire foram “Chandler Bing/Joey Tribbiani”, logo, o autor da fanfiction deseja desenvolver ou indicar um enredo em que Chandler e Joey partem para um relacionamento afetivo-amoroso, ou exploraram essa possibilidade. Alex_is_On_Fire deseja instituir esse novo caminho de narrativa que o texto-fonte não explora — relembro aqui que, apesar de constantemente ter sua sexualidade questionada por outros personagens, Chandler é heterossexual e se casa com Monica ao longo da série.

Ao observarmos as reações dos fãs-leitores, notamos que estão todos satisfeitos com os rumos que os arquivos de sua série favorita tomaram — tanto aqueles que preferem uma interpretação mais rígida e conservadora desses textos, quanto aqueles que preferem subvertê-los:

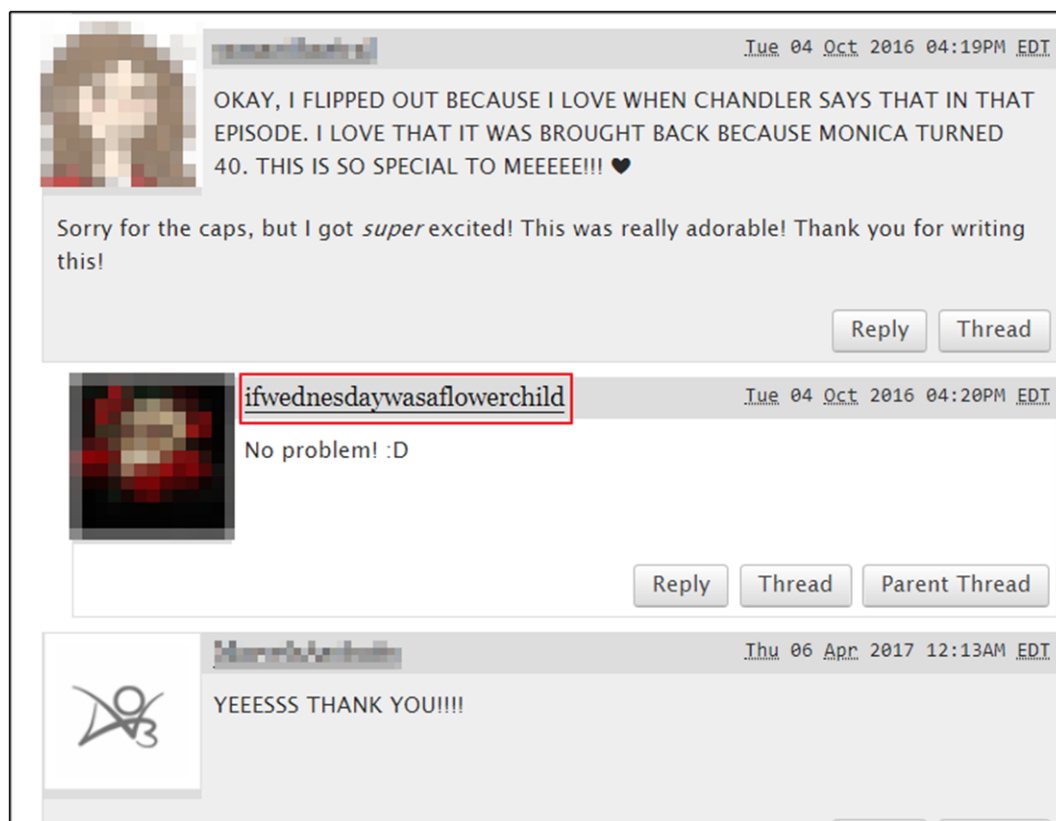


Figura 30 — Comentários/*The One Where Monica Turns Forty*

Observo que ifwednesdaywasflowerchild, autor da fanfiction, interage com seus leitores, que dão um retorno positivo para a sua narrativa. Essa é uma das características que marca esse tipo de texto e que o diferencia do pastiche: ser produzido e compartilhado em meio a uma comunidade colaborativa e participatória, como afirma Jenkins (2009).

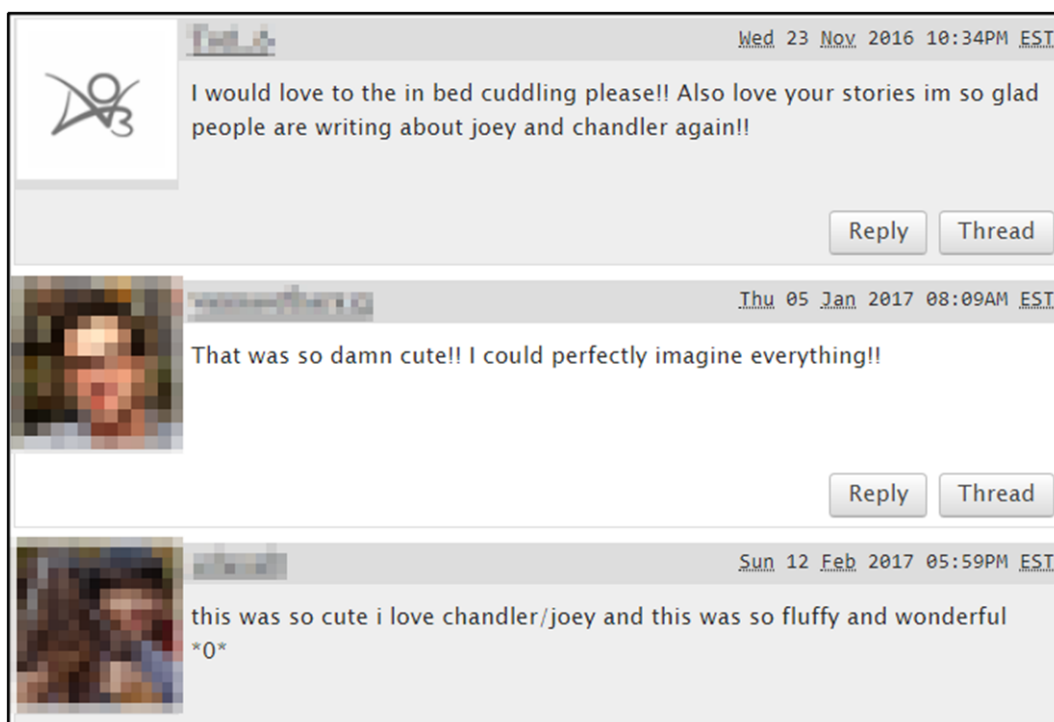


Figura 31 — Comentários/*The One Where Joey Teaches Chandler How to Hug*

O primeiro comentário postado em *The One Where Joey Teaches Chandler How to Hug*, que data de novembro de 2016, faz alusão ao fato de que os fãs estão, novamente, escrevendo sobre Joey e Chandler, um movimento que havia enfraquecido uma vez que a série foi descontinuada em 2004. Provavelmente *Friends* tem ganhado novos fãs depois que as 10 temporadas chegaram à NETFLIX, e com novos fãs, o arquivo se expande.

As duas fanfictions que contrasto nesta seção nos apontam uma questão: podemos pensar que essa tensão observada por Derrida no arquivo se manifesta de duas maneiras — no arquivo como um sistema de forma geral, e nos próprios textos que dele fazem parte. Há, convivendo em cada texto, em menor ou maior grau, forças de conservação e de subversão — como, por exemplo, um texto que é tradicional quanto ao enredo mas se distancia do estilo, ou, por outro lado, um texto que subverte o enredo mas tende a ser mais tradicional quanto ao estilo. As fanfictions tem, em geral, movimentos de conservar e instituir, e, da mesma maneira, existe no arquivo desses textos esses mesmos movimentos.

5.4

Assassin's Creed — Ezio Trilogy: arquivo-protesto, arquivo-resistência

Figura 32 — Ezio Auditore/Florença

Itália, final do século XV.

Em uma das praças mais famosas de Florença — Piazza della Signoria — Ezio Auditore da Firenze vê seu pai e irmãos serem assassinados. O motivo envolve personagens reais e uma trama política intrincada: Giovanni Auditore, pai de Ezio, sabia de um complô entre Francesco de Pazzi e Rodrigo Borgia para matar Lorenzo de Medici e reivindicarem o domínio sobre a cidade de Florença.

Com a morte de parte da família, Ezio, sua mãe e irmã, Claudia, se refugiam em um castelo afastado de Florença e o jovem rapaz começa então um longo treinamento para seguir a tradição da família e os passos de seu pai: fazer parte da *Italian Brotherhood of Assassins* e enfim se tornar um Assassino. Liderados pela família Auditore há várias gerações, os assassinos italianos têm como principal objetivo destituir do poder os Borgias, uma das famílias mais corruptas do período. Para isso, lançam mão da furtividade, uma de suas principais características: espiam, espreitam, chegam sem serem notados. Dessa forma, um a um, tiram de cena seus inimigos.

Misturando personagens reais e enredos ficcionais, *Assassin's Creed — Ezio's Trilogy* tem uma trama extremamente encantadora e envolvente, e não é por acaso que é considerado um dos jogos mais aclamados pela crítica de todos os tempos. Com gráficos belíssimos (e que ainda impressionam, apesar do jogo ter sido lançado em 2009), a sensação é de que estamos de fato transitando por Veneza, Florença e Roma — a própria Itália é mais uma das importantes personagens dessa trilogia. Aficionados pela

renascença italiana têm a oportunidade de conhecer um pouco mais da arquitetura dos espaços, escalar monumentos importantes (o Palazzo Vecchio, a Catedral de Santa Maria del Fiore, a Basílica de São Marcos, o próprio Coliseu), explorar obras de arte, interagir com Leonardo da Vinci, Nicolau Maquiavel, e finalmente, nos momentos finais do jogo, vingar o pai de Ezio e cumprir a missão da Ordem dos Assassinos ao assassinar o Papa Rodrigo Borgia dentro da Capela Sistina.

Nesta seção, apresentarei duas fanfictions que compõem, de alguma maneira, um arquivo-protesto ou um arquivo-resistência desse texto-fonte — a primeira tem como personagens centrais Ezio Auditore e Leonardo da Vinci, e a segunda, a irmã de Ezio, Claudia. Ao final, apresento meus comentários.

(a) Ezio Auditore e Leonardo da Vinci



Figura 33 — Ezio Auditore e Leonardo Da Vinci

Rumours¹²⁸

Por entanglednow

Ezio is not spying.

True, he's a silent shadow in the darkest recess of the studio's upper floor. But he is not spying, not intentionally. It was simply the easiest way into the building without being spotted, before sunset. He thinks Leonardo might call it spying. Leonardo knows the honesty of words, when stripped of all their flowery pretensions. But it's become a habit for Ezio, to watch people unseen. He likes to observe their behaviour, their intentions, there's a quietness to it.

¹²⁸ Disponível em <https://archiveofourown.org/works/257539>, acessado em fevereiro de 2018.

He likes to watch Leonardo most of all. Leonardo's work makes him happy. Painting makes him happy, and Ezio cannot be anything other than content watching him. There is an artistry to him, everything fluid and graceful, and Ezio can see why people seek out his skills. Why people gift him expensive equipment. Why the loveliest models come to his studio, and undress for him, stand, or sit, or lay wherever he puts them, until he has finished with them.

The one he's working with now is young, slim and strong. An ideal of masculine beauty, carved in flesh. Leonardo grasps his waist, hands easy on his skin. He pulls him closer to the table, arranges him just so. There are words, and Leonardo laughs in response. The model smiles as if he had wanted that, and nothing else. Ezio goes very still, wrist flexing instinctively. He makes it stop. He reminds himself that there's no danger.

It takes little time at all for Leonardo to sketch him in the position, charcoal making his fingers, and the side of his hand dark. He smiles for the man, teases him, as he obediently adjusts his feet, and expression, to Leonardo's whims. Ezio watches, discontent in a way he does not entirely understand. He decides he does not like this *boy*. Leonardo trusts too easily, sometimes. He should be more careful, people will take advantage of his generosity, of his affection.

When the model retrieves his clothes, Ezio moves down through the studio, as quietly as he's able. He knows he won't be seen until he wishes it.

Ezio scowls at the youth when he reaches the door, feels a guilty satisfaction in the way he pales, and stumbles into the wood on his way out. He hurries across the street, with the speed of the guilty. Ezio will remember his face.

"Stop scaring away my models," Leonardo says, carefully cleaning his brushes, but there's a laugh hiding under there somewhere. "My influence is not so great that the youth of Venezia will risk their necks for fame."

Ezio meets him in the middle of the studio, leans into the table.

"I've harmed none of them," he protests, irritated that someone might have insinuated otherwise.

"Which changes nothing." Leonardo shakes his head, laughs a little. "People in Venezia gossip terribly, and they already think I'm -" Leonardo stops abruptly, as if his mouth as run away from him. He turns away from him, squeezes his brush a little harder than necessary.

Ezio has never seen him look so uncomfortable. Though he can read no hurt in his face, or his body language.

"They think you are what?" Ezio demands, because if someone has spoken ill of Leonardo, then he shall make it stop. It is as simple as that.

Leonardo looks at him, sighs, yet still seems unwilling to finish.

"Leonardo?" Ezio presses.

"They think I'm your lover," Leonardo says quietly, rolling a wet brush between his fingers.

Ezio's not expecting that. He has been spoken of often, as a night time visitor of women's bedrooms, some of them are true, some of them are not, some of them are *fanciful*. But he has never visited a man. At least not for reasons suited to romance. Though he realises, as he thinks it, that isn't true. He has come to Leonardo often, at night. With Codex pages, and broken equipment, and sometimes bottles of wine, when it's late and he cannot sleep. Leonardo paints long into the night, and Ezio has never regretted seeking his company. He had never considered what it would look like to the outside. What people say about them. Did people speak of them together in hushed whispers. Ezio is not prepared for the unexpected twist inside his chest. Or for the spread of warmth, curious and new.

"They talk about us?" he asks.

Leonardo looks briefly confused, as if he had expected Ezio to take offence, and not to meet the accusation with curiosity. Do they believe there is affection between them? Or do they think Ezio comes to Leonardo's studio at night, purely for his own selfish desires. He already knows that women do not feature in Leonardo's desires. Which he has never tried to hide.

"Do they at least say good things about me?" he wonders.

"Ezio."

Ezio smiles at the thought. "Do they? I would not like rumours to do me an injustice."

Leonardo looks much like he's fighting a reluctant smile himself. "You would have to ask Venezia."

"All of Venezia?" Ezio says, more than a little stunned. He considers himself a master of information gathering, and this seems a large thing to miss. All of Venezia believes that Leonardo is his, and Leonardo has done nothing to dissuade people from their fanciful ideas.

Ezio finds he has little enthusiasm for correcting their assumptions.

"Leonardo, do you -"

"Do not ask me, Ezio, please," Leonardo says, sounding suddenly tired. "I will not lie to you."

Ezio knows it's true. Leonardo will always tell him the truth, no matter what the cost to himself. Because they are friends. Leonardo has always been willing to help him, his affection and creativity given freely. Though Ezio has done little to

deserve it.

Ezio watches Leonardo soak his brushes, paint-spotted fingers careful but practised.

"No more pretty, young boys in your studio," Ezio says quietly. Leonardo turns his head to look at him, and his face, Ezio thinks, is very handsome.

"Do you think they will make the rumours worse?" Leonardo asks cautiously.

"No, I think they make me jealous," Ezio admits, and he stays just long enough to see the startled look on Leonardo's face, before his courage deserts him.

(b) Claudia Auditore

Sparrowhawk - A Beginning

Kasanra

Summary:

How Claudia became an assassin. Takes place before Assassin's Creed 2. Femslash. Crossdressing.

Chapter 1

Disclaimer: I do not own Assassin's Creed.

AN: I wanted to see more Claudia.

AN2: I like femslash. If there's a pairing, it'll be Claudia with a female.

Figura 34 — "I wanted to see more Claudia"

Epilogue

1472 - 11 years old.

On the rooftops, a guard cornered a small figure wearing a white coat and hood, and a plain brown cape. He had his bow armed and ready, the fletching brushing his cheek and a cruel smirk on his lips. His fingers relaxed. The small one turned and tried to run but the arrow pinned the hood of the cape to the wall, revealing

the face of a young girl.

She automatically brought her hands to the arrow and removed it from the wall and hood, carefully watching the guard. She watched his smirk change to surprise, and then slowly, slowly into a leering grin. Her mind raced, making plans and discarding them. She knew there were guards within shouting distance but she didn't know if they were the good kind or not. So while she couldn't scream for help, she couldn't give *him* the chance to either.

She turned and ran up the wall, high enough to gather her legs under her. She felt a tug at her cape and twisted around, jumping straight at the guard. She knocked him down and placed one hand under his chin and pushed. With her other hand, she rammed the arrow into his exposed throat, severing his voice box and forcing him to breathe in blood. The guard jerked, kicking out and grasping at her in panic. She ripped the arrow out and tried again, this time going for the jugular.

He died quickly but it ended with her covered in his blood.

It was the first time she killed a man.

(...)

Duas matérias do *The Guardian*, a primeira de 2014 e a segunda de 2017, chamam atenção: "52% of gamers are women – but the industry doesn't know it"¹²⁹ e "The video game industry has a diversity problem – but it can be fixed"¹³⁰. Mulheres e videogames sempre tiveram uma história complicada, uma vez que o mercado é dominado pelo machismo, e a representatividade nos jogos é escassa, estereotipada e sexualizada. Da mesma maneira, os personagens são predominantemente brancos, heterossexuais, masculinos.

Embora *Assassin's Creed* seja um jogo espetacular, como quase todos os jogos disponíveis no mercado de videogames, é um jogo cujo protagonista é um personagem masculino e no qual a presença de personagens mulheres é secundária — o arquivo é

¹²⁹ Disponível em <https://www.theguardian.com/commentisfree/2014/sep/18/52-percent-people-playing-games-women-industry-doesnt-know>, acessado em janeiro de 2018.

¹³⁰ Disponível em <https://www.theguardian.com/technology/2017/mar/15/video-game-industry-diversity-problem-women-non-white-people>, acessado em janeiro de 2018.

patriarcal, como descreveu Derrida, é composto por personagens masculinos, como ressaltou ao trazer citação de Sonia Combe em nota de rodapé¹³¹.

As duas fanfictions que trago nesta seção mostram como há, por parte dos fãs, um movimento de crítica e protesto em suas narrativas, um arquivo que opera contra uma lógica dominante e que resiste a ela.

Em *Rumours*, escrita por entanglednow, Ezio Auditore e Leonardo Da Vinci formam um casal afetivo-amoroso, e o capítulo da fanfiction aqui apresentado dá conta dos primeiros movimentos desse relacionamento. No jogo, Ezio é a epítome da homossexualidade, como indicam trechos da narrativa — "Ezio's not expecting that. He has been spoken of often, as a night time visitor of women's bedrooms, some of them are true, some of them are not, some of them are fanciful. But he has never visited a man. At least not for reasons suited to romance." — e Leonardo, como já sabemos, historicamente, é homossexual. A fanfiction explora a amizade (que existe de fato, no jogo) e a relação entre os dois, e transforma Ezio em um personagem não-homossexual, que, nesse primeiro capítulo, flerta com um possível envolvimento com Da Vinci, ao admitir que sente ciúmes dos modelos que o amigo retrata em suas telas — ““No, I think they make me jealous,’ Ezio admits, and he stays just long enough to see the startled look on Leonardo's face, before his courage deserts him.”

Observo que a fanfiction de entanglednow se mantém próxima ao texto inaugural em vários pontos:

- no jogo, Ezio é um assassino com habilidades furtivas, e assim também o é na narrativa aqui analisada: "True, he's a silent shadow in the darkest recess of the studio's upper floor. But he is not spying, not intentionally. It was simply the easiest way into the building without being spotted, before sunset."
- a cidade de Veneza também tem uma presença muito importante na narrativa (é mencionada várias vezes), assim como no jogo: "My influence is not so great that the youth of Venezia will risk their necks for fame.", "People in Venezia gossip terribly, and they already think I'm -", "You would have to ask Venezia."

¹³¹ “Perdoem-me por dar crédito à observação que se segue, mas não me parece obra do puro acaso que a corporação dos historiadores notórios na França contemporânea seja essencialmente, com algumas exceções, masculina....” ([1995] 2001, p.16)

- Leonardo da Vinci é um pintor e artista talentoso: “There is an artistry to him, everything fluid and graceful, and Ezio can see why people seek out his skills. Why people gift him expensive equipment. Why the loveliest models come to his studio, and undress for him, stand, or sit, or lay wherever he puts them, until he has finished with them.”

Ainda assim, a fanfiction tenta acomodar a uma narrativa que tem pontos muito próximos ao do texto inaugural, uma situação que desvia completamente do cânone: um romance homossexual entre o protagonista e um personagem secundário de destaque.

Na segunda narrativa apresentada, conhecemos Claudia Auditore, irmã de Ezio. Claudia tem um papel insignificante no jogo, no entanto, a autora Kasanra, na fanfiction *Sparrowhawk*, decide que ela gostaria de ver um pouco mais de Claudia, como a autora explicita nas notas iniciais (ver Figura 34 — “I wanted to see more Claudia”). Usando algumas das estratégias descritas por Jenkins e apresentadas por mim no capítulo 2 — refocalização, por exemplo — ela descreve Claudia como uma assassina (uma característica importante no jogo, e algo que não pertencia ao universo das mulheres), e faz uma retrospectiva, desde sua infância. A fanfiction, com 4 capítulos e aproximadamente 10 mil palavras (mas aqui apresento apenas um trecho inicial), centrada na personagem, não conta a história de Ezio. A narrativa foca em Claudia e sua sexualidade não-heteronormativa. A personagem é protagonista de sua própria história (não vive, como no texto inaugural, às sombras do irmão), descrita como uma assassina astuta e talentosa — “Her mind raced, making plans and discarding them. She knew there were guards within shouting distance but she didn't know if they were the good kind or not. So while she couldn't scream for help, she couldn't give *him* the chance to either”.

A partir das narrativas que apresento e analiso neste capítulo — *The Girl Who Lived a Lie*, na seção 5.2; *The One Where Monica Turns Forty* e *The One Where Joey Teaches Chandler How to Hug*, na seção 5.3; e *Rumours* e *Sparrowhawk*, na seção 5.4. — podemos concluir alguns pontos:

1) como discuti no capítulo 2 e como se pode observar na seção 5.2, a fanfiction e o pastiche são gêneros textuais muito semelhantes, e que lançam mão de estratégias muito parecidas — a principal diferença entre os dois gêneros, como já se disse, está no

fato de que a fanfiction é produzida e circula em meio a uma cultura participatória, e o termo *pastiche*, dentro das comunidades de fãs, é utilizado para criar um fosso hierárquico entre um texto mais conservador (*pastiche*), e que por isso é *supostamente* de qualidade superior, e um texto menos conservador (fanfiction);

2) é característico da fanfiction a tensão apontada por Derrida — coexistência de forças instituidoras e conservadoras;

3) a maioria das reescritas aqui analisadas, em um primeiro momento, corroboram as afirmações de Derecho — a literatura ou reescrita arcôntica, dentre outras características, tem como uma delas ser também um caminho à representatividade;

4) tais reescritas compõem uma espécie de arquivo não-oficial, um arquivo-protesto, um arquivo-resistência, dão vazão a um discurso fadado ao apagamento — tal tipo de arquivo não foi contemplado por Derrida em sua teoria. São reescritas e arquivos que têm força política, são fãs que nessas reescritas projetam seus corpos, seus modos de vida e encontram um meio de existir, de resistir, de protestar.